

## “Algumas intrigantes paisagens das metamorfoses senianas”

Profa. Dra. Ida Ferreira Alves<sup>1</sup> (UFF/CNPq)  
Mestranda Kassia Fernandes da Cunha<sup>2</sup> (UFF)

### Resumo:

Nesta comunicação, pretendemos focalizar a vertente descritiva da poesia seniana, através da ecfrase. Na coletânea de poemas *Metamorfoses*, Jorge de Sena parte da observação de diferentes expressões da arte plástica para, após ter meditado sobre elas, transformar o que viu, ou o que as obras lhe deram a ver, em poemas. Tais poemas pretendem, muito além do que descrever os quadros, esculturas e fotografias, que lhes servem de ponto de partida, recriá-los, metamorfoseá-los em escritura poética. São as impressões de um sujeito poético, de sua perspectiva, que vão construir um diálogo entre a imagem captada e o texto. Os três poemas selecionados constituem-se num recorte. Através deles procuraremos demonstrar como o poeta percebe e recria, na linguagem, uma paisagem particular, que denuncia o seu olhar sobre o mundo.

**Palavras-chave:** Jorge de Sena, Literatura Portuguesa, paisagem, espaço, memória.

Fiquemos no visível em sentido estrito e prosaico: enquanto pinta, o pintor, qualquer que seja, pratica uma teoria mágica da visão. Ele tem que admitir que as coisas entram nele ou que, consoante o dilema sarcástico de Malebranche, o espírito sai pelos olhos para ir passear pelas coisas, visto que não cessa de ajustar a elas a sua vidência. (MERLEAU-PONTY, 1997, pp. 263-4)

### Introdução

A epígrafe acima torna-se bastante pertinente na breve abordagem que faremos da relação da poesia de Jorge de Sena com a paisagem, uma vez que sua escrita poética é permeada pela subjetividade do olhar.

No presente ano, completamos trinta anos sem Jorge de Sena. A apresentação deste trabalho converte-se então em uma oportunidade de recordá-lo e homenageá-lo, trazendo à discussão alguns de seus poemas sob o viés paisagístico. A idéia inicial, conforme consta no resumo, seria um estudo da paisagem na poesia efrástica de *Metamorfoses*, porém, diante do manancial de opções que a obra oferece, escolhemos outros caminhos, ampliando nossa pesquisa para outras **metamorfoses** presentes na coletânea *Peregrinatio ad loca infecta*, considerada pelo poeta como um **esparso diário** dos seus exílios americanos, mas abrange também o lugar de exílio que lhe foi a pátria portuguesa. O título do livro é uma caricatura de *Peregrinatio ad loca santa*, de pretensa autoria de uma freira talvez de Praga, que, em 395 da nossa era viajou à Palestina, ao Sinai, ao Egito e a Constantinopla e relatou a peregrinação por esses lugares santos.

O livro se divide em quatro blocos espaço-temporais, que correspondem às quatro estações da sua peregrinação existencial: Portugal (1950-59), Brasil (1959-65), Estados Unidos da América (1965-69) e Notas de um Regresso à Europa (1968-69), tendo permanecido em Portugal por apenas dois curtos meses nesse período. Esta espiral dos tempos e espaços da biografia possibilita uma visão do modo como o eu- lírico possui uma historicidade que se constrói como errância e destino, como peregrinação pelos lugares inacabados ou imperfeitos do mundo que lhe foi dado viver, não esquecendo que essa peregrinação também é existencial, não deve ser tomada simplesmente como impressões de uma viagem turística.

Nos poemas desta viagem, ou peregrinação, intentamos demonstrar de que forma se comporta o olhar do sujeito poético, tendo como referências os estudos realizados na área da geografia cultural e dos pressupostos teóricos de Michel Collot, para quem o eu, o mundo e as palavras encontram-se intrinsecamente ligados.

## **1 Entre a ética e a estética, o olhar**

Jorge de Sena considera a sua poesia – e também a sua narrativa – como uma forma de dar testemunho de si mesmo e das circunstâncias, sem com isso menosprezar o trabalho de organização estética das emoções e dos sentimentos, baseados na observação, na meditação e na rememoração de uma experiência muito concreta. E o exílio, temática constante em sua produção literária, faz parte dessa experiência de vida. Sendo assim, o exílio se manifesta em sua obra sob os mais variados aspectos. Nosso objetivo aqui é explorar a visão do sujeito poético sobre aquilo que lhe é mostrado nos caminhos que percorre, o que as coisas lhe **dão a ver** e a forma como tudo isso se transforma num objeto estético – o poema.

Segundo Augustin Berque, a paisagem desempenha um papel na aquisição individual de conhecimentos, atitudes e reflexos necessários à nossa existência: constitui o quadro em relação ao qual aprendemos a nos orientar; fala da sociedade na qual estamos inseridos, e das relações que aí se estabelecem entre o homem e a natureza. A memória possui um papel primordial neste cenário, repleto de lembranças históricas cuja significação é pouco a pouco apreendida. A paisagem é, assim, uma das matrizes da cultura, mas é, também, o lugar onde as atividades humanas gravam sua marca. E é em função dos elos que se formam entre o homem e a paisagem, que se manifestam os testemunhos literários e as obras de arte pictóricas.

O termo **paisagem**, usado em diversas áreas de conhecimento, é bastante abrangente, podendo assumir diversos significados. Segundo Collot, no que diz respeito aos estudos da arte – incluída aí a Literatura, o conceito de **paisagem** se relaciona com a questão do ponto de vista específico de um sujeito; ou seja, da maneira particular de como esse sujeito vai construir os sentidos do seu texto a partir de seu olhar sobre a paisagem, e do modo como ele realiza a transição entre a linguagem poética e o mundo que é capaz de demonstrar através dela. Assim, para ele, trabalhar a paisagem é também trabalhar o sujeito.

Na poesia seniana, fica muito evidente o tratamento que o sujeito poético dá à paisagem: o espaço é construído como expressão de uma subjetividade, capaz de oferecer variadas facetas, tão complexas quanto o alcance do visível, que segundo Merleau-Ponty, é de difícil definição, já que não se pode abarcá-lo:

É tão impossível fazer um inventário limitativo do visível quanto dos usos possíveis de uma língua, ou apenas do seu vocabulário e dos seus estilos. Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus próprios fins, o olho é **aquilo que** foi comovido por um certo impacto do mundo e que o restitui ao visível pelos traços da mão. (MERLEAU-PONTY, 1997, p. 263).

No caso da poesia, o objeto estético restituído é o poema, resultado do que o olho do sujeito captou e foi capaz de recriar literariamente.

No *corpus* selecionado, é nosso objetivo indicar algumas manifestações da paisagem, sob a ótica seniana, detendo-nos, em separado, pelos quatro estágios da viagem, ou melhor, da *peregrinatio*.

### **1.1 Portugal**

O número de poemas dessa fase é bastante reduzido, é esse momento em que Sena passa por grandes dificuldades dentro do seu país: a ditadura, a falta de liberdade, principalmente de expressão, enfim, em que vive um espartilhamento que culmina em sua vinda para o Brasil.



tomando posse do que um corpo é,  
posse por dentro, por fora, não deixando um vão,  
um vão sequer que seja livre. (SENA, 1989, p. 56)

Através de estudos mais abrangentes da poesia seniana, percebe-se como o poeta tem fixação pela noite, motivo recorrente em vários poemas. “A NOITE PROFUNDA” deixa entrever como o espaço dominado pela noite é para o sujeito um espaço de mal-estar, atestado nas várias comparações: a noite “como um enjôo, uma agonia, uma vertigem,” / “uma queda irreparável...” e nos vários adjetivos de campos semânticos negativos que a designam: “abrupta, inexorável, impiedosa,” / “feroz, cruel, tirânica...”.

Tal como veio, partirá. De súbito,  
o claro dia está. O sol de coisa alguma.  
e é como se nada tivesse acontecido,  
e o enjoo, a agonia, a vertigem, a queda,  
não houvessem sido mais que imaginados. (SENA, 1989, p. 57)

Por fim, as sensações ruins causadas pela noite, permanecem apenas como lembrança, como algo imaginado por esse sujeito, que apenas está transmitindo uma reminiscência, uma apreensão de mundo diversa do que realmente **viu**, que é, na verdade, a sua consciência de sujeito nesse mundo.

A seguir, em outro poema, um de seus mais famosos, “EM CRETA, COM O MINOTAURO”, o poeta experimenta uma liberdade muito grande, quando expõe as suas impressões de exilado, criticando abertamente o fato de não poder estar em sua pátria:

Nascido em Portugal, de pais portugueses,  
e pai de brasileiros no Brasil,  
serei talvez norte-americano quando lá estiver.  
Colecionarei nacionalidades como camisas se despem,  
se usam e se deitam fora, com todo o respeito  
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.  
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria  
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações  
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta  
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo  
quando não acredito em outro, e só outro quereria que  
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,  
espero envelhecer  
tomando café em Creta  
com o Minotauro,  
sob o olhar de deuses sem vergonha. (SENA, 1989, p. 74)

Nesse momento, é a memória que entra em ação, reconstruindo subjetivamente uma experiência que já vivenciou. O que o eu-lírico transporta para a ficção, encerra não aquilo **que é**, ou que viu, mas o que poderia **ter sido**, o que vê de um modo próprio, compatível com o que diz Collot a respeito da participação do sujeito na construção/interpretação da paisagem. A invenção do Minotauro fica por conta da imaginação, da sua relação muito particular com as lembranças que arquivou. Da mesma forma que o Minotauro, o sujeito poético de Sena está aprisionado no seu labirinto/exílio, impedido que é de desfrutar da sua Creta/Portugal, território amado, mas que se encontra fora de seu alcance.

Através desses fragmentos, procuramos demonstrar a maneira como o sujeito está olhando o mundo: a sua pátria é **recriada**, dando lugar a uma Creta arquetípica, povoada por um ser imaginário, com quem ele toma um café. O espaço da escrita também se manifesta nessa Creta, já que ausente da terra natal, a língua será o meio de o poeta interagir com o mundo: “A pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações nasci”, ratificando aquela relação já citada entre o eu, o mundo e as palavras.

### **1.3 Estados Unidos da América**

Devido a uma mudança política no Brasil, Sena parte com a família para os Estados Unidos em 1965, temendo uma volta ao regime já experimentado em Portugal.

Nessa fase, a análise de seu fazer poético reflete uma nostalgia, o sujeito parece olhar para trás, para o que se perdeu no mundo. O poema “NOUTROS LUGARES” sintetiza esse sentimento de perda:

Não é que ser possível ser feliz acabe,  
Quando se aprende a sê-lo com bem pouco.  
Ou que não mais saibamos repetir o gesto  
que mais prazer nos dá, ou que daria  
a outrem um prazer irresistível. Não:  
o tempo nos afina e nos apura;  
faríamos o gesto com infinda ciência.  
Não é que passem as pessoas, quando  
o nosso pouco é feito da passagem delas.  
Nem é também que ao jovem seja dado  
o que a mais velhos se recusa. Não.  
É que os lugares acabam, ou ainda antes  
de serem destruídos, as pessoas somem.  
e não mais voltam onde parecia  
que elas ou outras voltariam sempre  
por toda a eternidade. Mas não voltam,  
desviadas por razões ou por razão nenhuma. (SENA, 1989, pp. 87-8)

No trecho acima, há uma correspondência entre espaço e tempo, que aliás, percorre todo o poema. Temos a noção de como o espaço se modifica com o passar do tempo:

É que as maneiras, modos, circunstâncias  
mudam. Desertas ficam praias que brilhavam  
não de água ou sol mas solta juventude.  
(...)

Apenas sei que as circunstâncias mudam  
e que os lugares acabam. E que a gente  
não volta ou não repete, e sem razão, o que  
só por acaso era a razão dos outros.

Se do que vi ou tive uma saudade sinto,  
feita de raiva e do vazio gélido,  
não é saudade, não. Mas muito apenas  
o horror de não saber como se sabe agora  
o mesmo que aprendi. E a solidão  
de tudo ser igual doutra maneira.  
E o medo de que a vida seja isto:  
um hábito quebrado que se não reata,  
senão noutros lugares que não conheço. (SENA, 1989, pp. 88-9)

As paisagens familiares que um dia o sujeito viu, por um processo mnemônico, ficaram arquivadas, o que permitiu-lhe criar uma visão de mundo. Após a transformação desse espaço, o que restou foi um lugar estranho com o qual esse sujeito não se identifica, por já haver construído uma idéia anterior do que era felicidade, seja com imagens de locais ou da presença humana, que, no fim, estão relacionados entre si.

### **1.4 Notas de um Regresso à Europa**

Nos poemas dedicados à Europa, são encontradas imagens de grandes metrópolis, embora o foco principal não seja a paisagem em si, e sim o fato de as cidades terem sido o local onde o homem construiu a sua existência, interagindo nessa paisagem. A cidade torna-se então, o palco da grande história da humanidade.

No poema “ENCONTRO COM VERMEER EM DELFT”, procedemos a uma leitura que dá conta de demonstrar essa perspectiva do espaço que o poeta deseja atribuir:

Fui deambulando pelas ruas,  
cruzando canais, seguindo à margem de outros,  
em direção à praça principal,  
e a esparsos vultos que da quietude emergem  
(como na vista da cidade, com o petit pan de mur jaune)  
pergunto onde Vermeer morara.

Ninguém sabia. E fui de rua em rua  
até chegar a uma pequena loja  
que vendia simples lembranças da cidade  
(azuleijinhos, porcelanas, etc., para turistas).  
A dona por certo saberia.

Ela sorriu, trouxe-me à outra porta  
que dava para a grande praça, e mostrou-me  
a placa na fachada do prédio.(SENA, 1989, p. 101)

Johannes Vermeer, também conhecido como Vermeer de Delft, é o segundo pintor holandês mais famoso do século XVII, depois de Rembrandt. Grande pintor do cotidiano, as cenas mais comuns, aos olhos de Vermeer, adquirem forte carga espiritual, tanto em suas pinturas de gênero como em suas poucas obras de paisagem, como a *Vista de Delft*.

Temos então, dentro do poema seniano, uma descrição visual da mesma cidade que abrigou o artista, mas o detalhe que possui real importância para o sujeito poético está contido no verso: “pergunto onde Vermeer morara”. E é mesmo o que conta: saber onde morara o pintor que contribuiu para o engrandecimento da arte holandesa, ao inserir o cotidiano, o elemento humano nos seus quadros, deixando assim sua marca naquela cultura. O interesse do observador não está concentrado nas imagens do lugar ou em “...simples lembranças da cidade” / “(azuleijinhos, porcelanas, etc., para turistas).”, porque paisagens, para Sena, são construções culturais e cultura para ele é o humano. Entrevemos, assim, nesse poema, evidências de como a paisagem funciona como **marca** e **matriz**, de acordo com Berque.

Em todos os demais poemas do período em que o poeta visitou a Europa, é possível detectar-se uma correspondência positiva entre o homem e a paisagem, com a exaltação dos grandes feitos da humanidade através dos tempos, representados por ícones de cultura: monumentos, catedrais, casas e até mesmo ruínas, uma vez que estas denunciam vestígios de civilizações empreendedoras, registros que são, da passagem do homem e de sua capacidade de interagir na paisagem.

## **Conclusão**

Especificamente para esse trabalho, foi selecionado um número reduzido de poemas, insuficiente para englobar todos os matizes da paisagem na poesia de Jorge de Sena. Porém, pelo conteúdo aqui apresentado, tivemos condições de avaliar como cada poema seniano encerra em sua construção um olhar diferenciado de um sujeito, uma “metamorfose do ser em sua visão”, recorrendo mais uma vez a Merleau-Ponty. Aos nos debruçarmos na análise dos poemas, observamos de que maneira o poeta, em sua “peregrinação”, interroga as paisagens e o modo como elas **se mostram**, tal qual a montanha ao pintor, e de que forma, com essa percepção de mundo, nos dá suas impressões, seu testemunho.

Se nas múltiplas visões que o mundo oferece, está o poeta com sua arte, a captá-las, cabe a nós interpretá-las, buscando sempre a possibilidade de novas leituras, sob novos aspectos paisagísticos. A investigação, dentro da poesia contemporânea, de outras relações entre o homem e a paisagem, torna-se tarefa assaz instigante, principalmente pela riqueza da obra de Sena, sobre a qual todo e qualquer tipo de abordagem será sempre campo muito fértil.

### **Referências Bibliográficas**

- [1] MERLEAU-PONTY, Maurice. “O Olho e o espírito”. In: DUARTE, Rodrigo: (org) *O Belo Autônomo: textos clássicos e de estética*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- [2] SENA, Jorge de. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- [3] COLLOT, Michel. *Paysage et poésie – du romantisme à nos jours*. Paris: José Corti, 2005.
- [4] CLAVAL, Paul. “A Geografia Cultural: O estado da arte”. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: ed uerj, 1999.

---

### **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Ida FERREIRA ALVES, Profa. Dra.**

Universidade Federal Fluminense (UFF/CNPq)  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
E-mail: idafalves@terra.com.br

<sup>2</sup> **Kassia FERNANDES DA CUNHA, Mestranda**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
E-mail: kassiafernandes@ig.com.br